

RESENHA

*Hermisten Maia Pereira da Costa**

TRUEMAN, Carl R. **O imperativo confessional**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

“Os catecismos só são documentos mortos e frios se alguém decidir transformá-los nisso” (p. 206).

“Uma confissão teológica pobre pode, em última análise, conduzir apenas à vida cristã empobrecida” (p. 254).

“Não devem os filhos *entesourar* (θησαυρίζω)¹ para os pais, mas os pais, para os filhos” (2Co 12.14). Paulo entendia que, como pai na fé dos crentes coríntios (1Co 4.14-15; 2Co 6.13;² 1Co 3.6,10; 9.1),³ deveria alimentá-los e

* O autor é mestre e doutor em Ciências da Religião, integra a equipe pastoral da 1ª Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo e é professor visitante do CPAJ.

¹ Mt 6.19,20; Lc 12.21; Rm 2.5; 1Co 16.2; 2Co 12.14; Tg 5.3; 2Pe 3.7. Para um estudo pormenorizado da palavra, ver: HAUCK, F. θησαυρός. In: FRIEDRICH, G.; KITTEL, Gerhard (eds.). *Theological Dictionary of the New Testament*. 8. ed. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1982 (reprinted), vol. III, p. 136-138; EICHLER, J.; BROWN, C. Posses. In: BROWN, Colin (ed. ger.). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, vol. III, p. 590-597.

² “Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados. Porque, ainda que tivésseis milhares de *preceptores* (παιδαγωγός) em Cristo, não teríeis, contudo, muitos *pais* (πατήρ); pois eu, pelo evangelho, vos *gerei* (γεννάω) em Cristo Jesus” (1Co 4.14-15). “Ora, como justa retribuição (falo-vos como a *filhos* (τέκνον), dilatai-vos também vós” (2Co 6.13).

³ Irineu (c. 120-202) usa a mesma expressão, dizendo: “Quem foi instruído por outro por meio da palavra é chamado filho de quem o instruiu e este pai daquele”. *Irineu de Lião*. São Paulo: Paulus, 1995, IV.41.2, p. 513. Do mesmo modo Agostinho. Ver: AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos*. São Paulo: Paulus, 1997, vol. 1, p. 768 (Sl. 44). Ver outras referências ao emprego da expressão em: HAMMAN, A., Pai (Padre) – Padres da Igreja. In: BERARDINO, Ângelo Di (org.). *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ; São Paulo: Vozes/Paulinas, 2002, p. 1059-1060; ALTANER, B.; STUIBER, A. *Patrologia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 18-20.

fortalecê-los em sua fé. Essa analogia fala-nos, portanto, da responsabilidade do pastor em buscar o suprimento necessário, por intermédio da Palavra, para o progresso espiritual de seu rebanho. Por isso é que “a infidelidade ou negligência de um pastor é fatal à Igreja”.⁴

Curiosamente a nossa palavra *patrimônio* (latim: *patrimonium*) está associada etimologicamente à palavra *pai*. Recebemos nosso patrimônio de nossos pais. De fato, de modo especial na infância, com raríssimas exceções, dificilmente podemos contribuir para o aumento dos bens de nossos pais; nós apenas os recebemos. No futuro, possivelmente nossos filhos receberão os nossos bens, muito ou pouco; contudo, certamente entesourados por nós e pelos nossos pais. Salomão, inspirado por Deus, escrevera: “A casa e os bens vêm como herança dos pais...” (Pv 19.14a).

O designativo “Pais” foi aplicado aos bispos da igreja no segundo século. A obra anônima, *O Martírio de Policarpo*, escrita por uma testemunha ocular do ocorrido, por volta do ano 155 AD, relata que “a turba pagã e judia desejando matar Policarpo, por ser cristão, vociferou: ‘Eis o doutor da Ásia, o *pai dos cristãos*, o destruidor dos deuses, que com seu ensino, afasta os homens dos sacrifícios e da adoração’”.⁵ Isto indica que na época era comum referir-se aos bispos cristãos como “Pais” (no sentido acima descrito, tinha uma conotação pejorativa, como “pai de uma heresia” ou “pai dos hereges”). O emprego reverente dessa expressão disseminou-se de tal forma que, no quarto século, todos os pastores e mestres que haviam participado do Concílio de Niceia (325) eram chamados “Pais da Igreja”.⁶

Entre os cristãos, a expressão aplicada aos bispos assume uma conotação carinhosa, indicando também a sua responsabilidade:

O conceito de “Padre da Igreja” evidencia um aspecto da rica figura paterna: o bispo como autêntico transmissor e garantia da verdadeira fé, aquele que vela pela sucessão ininterrupta da fé desde os apóstolos bem como pela continuidade e unidade da fé na comunhão com a igreja. Ele é o fiel mestre da fé, ao qual se pode recorrer nas dúvidas da fé. Essa autoridade na verdade não torna o Padre

⁴ CALVINO, João. *As pastorais*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 126 (1Tm 4.16).

⁵ *O Martírio de Policarpo*, XII.2. In: BETTENSON, H. *Documentos da igreja cristã*. São Paulo: ASTE, 1967, p. 39. Ênfase minha. Para um estudo crítico desse documento, inclusive no que se refere à data do martírio, ver: LIGHTFOOT, J. B. *The Apostolic Fathers*. 2. ed. Peabody, MA: Hendrickson, © 1989, vol. I, p. 646-722. Para uma visão abreviada desta discussão, ver: LIGHTFOOT, J. B. *The Apostolic Fathers*. 10. ed. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1978, p. 103-106.

⁶ Agostinho (354-430) parece ter sido o primeiro a ampliar o conceito, incluindo São Jerônimo, um presbítero, entre os *Pais* (Cf. ALTANER e STUIBER, 1988, p. 19). Seguindo o exemplo de Agostinho, Vicente de Lérins, em 434, aplicou o termo *Pai* a diversos escritores eclesiais sem nenhuma distinção hierárquica. Ver: VICENTE DE LÉRINS, *Commonitorium*, 31 e 33. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (eds.). *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1978 (reprinted), Second Series, vol. XI, p. 155 e 156.

da Igreja individualmente inerrante em todos os pormenores – ele deve se ater à Sagrada Escritura e à *regula fidei* da igreja universal – mas, em sintonia com elas, ele é testemunha autêntica da fé e da doutrina da Igreja.⁷

Etienne Gilson (1884-1978), seguindo uma compreensão clássica, diz que um “Pai” deveria apresentar quatro características: “ortodoxia doutrinal, santidade de vida, aprovação da Igreja, relativa Antiguidade (até fins do século III aproximadamente)”.⁸

Curiosamente, na única carta escrita por Calvino a Lutero (25/01/1545), a qual este, ao que parece, jamais recebeu, o reformador de Genebra se dirige a Lutero como “meu respeitadíssimo pai”, “respeitadíssimo pai no Senhor” e “meu pai sempre honorável”.⁹

Os documentos da igreja que recebemos não são infalíveis (nem mesmo naquilo que é consensual), nem jamais pretenderam isso; contudo, são os tesouros históricos e teológicos que nos foram legados. A sua autoridade é derivada.¹⁰ No entanto, a igreja não pode sobreviver sem a consciência de seu passado, de suas lutas, dificuldades, fracassos e, certamente, por graça, de suas vitórias. Essa consciência deve gerar em nós um espírito de gratidão, humildade e desafio diante da magnitude da revelação de Deus.

Muitas vezes em nossas lutas presentes somos terrivelmente dominados pela sensação de elas serem únicas ou as mais violentas. A história de nossos pais pode ser fonte de grande estímulo, consolo e alerta para nós. Por meio da história de sua vida e testemunho podemos descobrir – às vezes para vergonha nossa – o quanto nossos irmãos do passado lutaram bravamente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos e da qual somos herdeiros. O nosso presente tende a assumir dentro de alguns contextos o caráter de onipresença, como se fosse um presente contínuo.¹¹ Assim, pensamos estar sozinhos em nossa empreitada, nos esquecendo da ação abençoadora e preservadora de Deus ao longo da história que hoje cabe ser escrita por nós. Crer no Deus Triúno é uma declaração de que não estamos sozinhos; o Pai, o Filho e o Espírito Santo

⁷ DROBNER, Hubertus R. *Manual de patrologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 11-12.

⁸ Gilson, E. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, “Introdução”, p. XXI. Do mesmo modo: DROBNER, 2003, p. 12; ALTANER e STUIBER, 1988, p. 20.

⁹ JOÃO CALVINO. *Cartas de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 53 e 54.

¹⁰ Ver: *Confissão Gaulesa*, Cap. V; TURRETINI, François. *Compêndio de Teologia Apologética*, São Paulo: Cultura Cristã, 2011, Vol. 1, p. 228-234 (com valiosos documentos); BARTH, Karl. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 13.

¹¹ Dentro de outro contexto e abordagem, o historiador britânico contemporâneo Eric Hobsbawm (1917-2012), num de seus livros, analisando a nossa presente era, diz que “quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13.

estão conosco; Deus veio a nós criando a nossa fé.¹² E mais: todos estamos irmanados pela mesma fé ao longo da história. O Deus em quem cremos é o meu Deus e o Deus de muitíssimos irmãos que ao longo da história têm vivenciado e testemunhado a mesma fé.

É sobre parte desse patrimônio que Trueman escreve de forma bíblica, competente, sincera, direta e bem-humorada.

Partindo de um slogan comum no início do século 19, que dizia: “Nenhum credo senão a Bíblia”,¹³ Trueman demonstra de forma convincente que ninguém vive sem um credo (p. 23, 214). De fato, o não credo é um credo, uma espécie de dogmatismo negativo. Ninguém se aproxima das Escrituras no “vácuo” (p. 24). Isto é óbvio. O conhecimento, seja em que nível for, não ocorre num vácuo asséptico conceitual, quer seja religioso, quer filosófico, quer cultural.¹⁴ Por isso afirma o autor: “Por mais irônico que seja, não são os adeptos das confissões de fé, mas os que ‘não têm credo além da Bíblia’ que exaltam seus credos acima da Escritura” (p. 219).

O autor escreve motivado pela convicção de que os credos são e continuarão sendo vitais para a vida da igreja (p. 20). Declara, então, os seus pressupostos reformados, afirmando a autoridade suprema das Escrituras (p. 20, 29). Insiste no fato de que os credos não são autoridades autônomas, antes resumem as Escrituras (p. 22). Portanto, não há aqui nenhum conflito com o princípio da Reforma que afirma: “Sola Scriptura” (p. 20). Os credos têm sua autoridade subordinada à Escritura.¹⁵ A boa tradição (decorrente da Escritura) nos ajuda a combater a tradição “antiescriturística” (p. 25).

A sua tese principal, que perpassa todos os seis capítulos, é que

¹² Ver: BARTH, 2006, p. 16-17.

¹³ Cf. NOLL, M. A. Confissões de Fé. In: ELWELL, Walter A. (ed.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988-1990, vol. I, p. 340. Esse tipo de declaração também se tornou comum pelo menos no início do século 20, quando alguns fundamentalistas, além de repetirem a afirmação supra, também bradavam: “Nenhum ‘CREDO’, senão Cristo”. Ver: KUIPER, R. B. *El Cuerpo Glorioso de Cristo: La Santa Iglesia*. Grand Rapids, Michigan: SLC, 1985, p. 100; BERKHOF, L. *Introducción a la Teología Sistemática*. Grand Rapids, Michigan: TELL, c. 1973, p. 22; CLARK, Gordon H. *Em defesa da teologia*. Brasília, DF: Monergismo, 2010, p. 41. Entre o final dos anos 50 e início dos anos 60, Lloyd-Jones disse com tristeza: “No presente século há marcante aversão por credos, confissões e por definições precisas. O cristianismo tornou-se um vago e indefinido espírito de boa vontade e filantropia”. LLOYD-JONES, David M. *A unidade cristã*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1994, p. 213. Como nos chama a atenção Dabney, tais pessoas deveriam rejeitar também a pregação, visto que somente os autógrafos originais foram inspirados, não as traduções. Ver: DABNEY, Robert L. *The Doctrinal Contents of the Confession: Its Fundamental and Regulative Ideas and the Necessity and Value of Creeds*. Greenville, South Carolina: Greenville Presbyterian Theological Seminary, 1993 (Reprinted), p. 17.

¹⁴ PEARCEY, Nancy R.; THAXTON, Charles B. *A alma da ciência*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p. 9-12, 294.

¹⁵ SPROUL, R. C. Sola Scriptura: crucial ao evangelicalismo. In: BOICE, J. M. (ed.). *O alicerce da autoridade bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 122.

os credos e confissões são perfeitamente coerentes com a crença de que só a Escritura é a nossa única fonte de revelação e autoridade. (...) Os credos e as confissões são, na verdade, necessários para o bem-estar da igreja, e que as igrejas que alegam não tê-los colocam-se em permanente desvantagem quando se trata de conservar o modelo das sãs palavras (...). A necessidade dos credos [e das] confissões [não é] apenas um imperativo prático para a igreja, mas também um imperativo bíblico (p. 29). (De forma complementar, ver as páginas 144, 213, 254).

Essas questões são demonstradas com rigor ao longo de todo o livro, inclusive nos alertando quanto ao perigo da vaidade e de um conhecimento apenas teórico das doutrinas. “Boas confissões não destroem a prática da piedade; elas podem, na verdade, protegê-la” (p. 175), integrando a vida da comunidade adoradora (p. 253). Cristianismo não é só doutrina, contudo, não pode ser separado dela (p. 248). Também aborda a questão do conhecimento cumulativo que nos vem por meio dos credos, visto que cada problema resolvido nos conduz com maior profundidade ao estudo bíblico, que, por sua vez, levanta novas questões (capítulo 3).¹⁶ O livro de Trueman é excelente, respeitoso para com os oponentes de suas teses e bíblico. Recomendo a sua leitura com entusiasmo.

Na Reforma Protestante do século 16, o uso de Catecismos e Confissões foi de grande valia para a educação dos crentes, partindo sempre do princípio da necessidade da fé explícita, de que todos os cristãos devem conhecer a sua fé, sabendo no que creem e porque creem. No Brasil, quando o presbiterianismo foi iniciado tradicionalmente em 1859, o ensino dos símbolos de Westminster teve papel decisivo na consolidação de sua identidade como Igreja Reformada. Hoje, em nome de um suposto “pluralismo” (capítulo 1 do livro) pretensamente acadêmico, o que podemos perceber é um enfraquecimento desta ênfase, mesmo nos seminários ditos reformados, acarretando um desfiguramento doutrinário por parte de muitos de seus pastores e conseqüentemente, dos membros da igreja. Por trás de todo pluralismo há o mito da neutralidade acadêmica,¹⁷ como se fosse possível alguém ensinar sem pressupostos que conduzem a sua perspectiva da realidade. A nossa percepção e ação fundamentam-se em

¹⁶ “Assim, o Concílio de Nicéia (325) garantiu a verdade de que Jesus é verdadeiro Deus, enquanto o Concílio de Constantinopla (381) garantiu que Jesus é verdadeiro homem. Em seguida, o Concílio de Éfeso (431) garantiu que, apesar de Deus e homem, Jesus é uma só pessoa, enquanto o Concílio de Calcedônia (451) garantiu que, apesar de uma única pessoa, ele tinha duas naturezas, divina e humana”. STOTT, John. *O incomparável Cristo*. São Paulo: ABU, 2006, p. 83.

¹⁷ A “neutralidade” é impossível tal qual a “objetividade” completa; no entanto, deve ser buscada. Gilberto Freyre expressou bem isto, ao dizer: “A perfeição objetiva nas Ciências do homem ou nos Estudos Sociais talvez não exista. Mas o afã de objetividade pode existir. É a marca do historiador intelectualmente honesto. E sua ausência, o sinal do intelectualismo desonesto”. Gilberto Freyre na apresentação da obra de VIEIRA, Davi Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 9.

nossos pressupostos,¹⁸ os quais são reforçados, transformados, lapidados ou abandonados em prol de outros, conforme a nossa percepção dos “fatos”. Os pressupostos se constituem na janela (quadro de referência) por meio da qual vemos a realidade. O difícil é identificar a nossa janela, ainda que sem ela nada enxerguemos.¹⁹ Os credos contribuem para nos auxiliar na avaliação do que tem sido ensinado na igreja para que não permitamos que doutrinas estranhas e exóticas encontrem guarida na igreja de Cristo (p. 234). A igreja deve permanecer como baluarte da verdade.

A autoridade dos credos era indiscutivelmente considerada pelos reformadores, tendo inclusive Lutero e Calvino elaborado catecismos para a igreja. Contudo, somente as Escrituras são incondicionalmente autoritativas. Um juízo adequado envolve a justa medida; portanto, nem subestimar, nem superestimar. Por isso, os documentos da igreja devem ser lidos com reverência e proveito dentro dos limites de sua riqueza e falibilidade.²⁰

Veith escreve com propriedade:

Os cristãos modernos são os herdeiros de uma grande tradição intelectual cristã. Essa tradição de pensamento ativo e solução prática de problemas é uma aliada vital dos cristãos que lutam contra as tendências intelectuais do mundo contemporâneo. O uso das perspectivas do passado pode fornecer uma perspectiva valiosa sobre as questões atuais. Podemos, assim, livrar-nos da tirania do presente, a suposição de que a maneira que as pessoas pensam hoje é o único modo possível de pensar.²¹

Insistimos: para nós, reformados, os credos têm a sua autoridade decorrente da Palavra de Deus. Em outras palavras, o seu valor não é intrínseco, mas sim extrínseco: eles são recebidos e cridos enquanto permanecem fiéis à Escritura. Assim, a sua autoridade é relativa.

¹⁸ “As pressuposições ainda determinam nossos destinos, mesmo a despeito de alguma inconsistência no caminho”. WRIGHT, R. K. McGregor. *A soberania banida: redenção para a cultura pós-moderna*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 15. Dito de forma poética: “Com as ideias, pois, vemos as coisas e na atitude natural da mente não nos damos conta daquelas, do mesmo modo que o olho, ao olhar não se vê a si mesmo. Dito de outro modo, pensar é o afã de captar mediante ideias a realidade; o movimento espontâneo da mente vai dos conceitos ao mundo”. ORTEGA Y GASSET, José. *A desumanização da arte*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 64.

¹⁹ “Seria atenuar os fatos dizer que a cosmovisão ou visão de mundo é um tópico importante. Diria que compreender como são formadas as cosmovisões e como guiam ou limitam o pensamento é o passo essencial para entender tudo o mais. Compreender isso é algo como tentar ver o cristalino do próprio olho. Em geral, não vemos nossa própria cosmovisão, mas vemos tudo olhando por ela. Em outras palavras, é a janela pela qual percebemos o mundo e determinamos, quase sempre subconscientemente, o que é real e importante, ou irreal e sem importância”. Phillip E. Johnson no prefácio à obra de PEARCEY, Nancy. *A verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006, p. 11.

²⁰ Ver: TURRETINI, 2011, vol. 1, p. 234.

²¹ VEITH JR., Gene Edward. *De todo o teu entendimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 97.

Os credos são somente uma aproximação e relativa exposição correta da verdade revelada. Desta forma, podem ser modificados pelo progressivo conhecimento da Bíblia, a qual é infalível e inesgotável (p. 244, 255-263). Por isso, não devemos tomar os credos como autoridade final para definir um ponto doutrinário: os limites de nossa reflexão teológica estão na Palavra, não nos credos nem nos concílios. Os credos não estabelecem o limite de nossa fé, antes a norteiam. A Palavra de Deus sempre será mais rica do que qualquer pronunciamento eclesiástico, por melhor que seja elaborado e por mais fiel que seja às Escrituras.²² No entanto, como ressalta Packer: “Na verdade a abordagem *impiedosa* seria tentar aprender de Deus como cavaleiro solitário que orgulhosamente ou impacientemente virasse as costas para a igreja e sua herança: isso seria receita certa para esquisitices sem fim!”²³

A Confissão de Westminster, capítulo I, seção 10, diz:

O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas, e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo, em cuja sentença nos devemos firmar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.

A firmeza e a vivacidade da teologia reformada estão justamente em basear o seu sistema em todo o desígnio de Deus, submetendo-o ao próprio Deus que fala por meio da sua Palavra.²⁴ Como nos alerta Trueman, “fazemos bem em lembrar que nossos credos e confissões não são só limites territoriais, eles também surgem do desejo de louvar a Deus, e o conteúdo desse louvor deve ser o mesmo dos credos e das confissões professados” (p. 184; também p. 192).

Com alegria, humildade e gratidão assumamos o desafio de nos apropriar das contribuições de nossos pais (tradição) e, em submissão ao mesmo Espírito, partindo das Escrituras e deste patrimônio riquíssimo, buscar respostas para as indagações e questionamentos contemporâneos.

Os credos cristãos, afinal, não são propriedades de uma pessoa ou grupo, antes são patrimônios de toda a igreja (p. 255). “Ouvimos, ó Deus, com os nossos próprios ouvidos: Nossos pais nos têm contado...” (Sl 44.1). Como bons filhos devemos atender ao mandamento de Deus honrando os nossos pais.

²² Ver: BERKOUWER, G. C. *A pessoa de Cristo*. São Paulo: ASTE, 1964, p. 76.

²³ PACKER, J. I. O conforto do conservadorismo. In: HORTON, Michael (ed.) *Religião de poder*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 236.

²⁴ O teólogo reformado Geerhardus Vos (1862-1949), conceituou corretamente a teologia, afirmando: “Toda genuína teologia cristã é necessariamente Teologia Bíblica porque à parte da Revelação Geral, a Escritura constitui o único material com o qual a ciência teológica pode tratar”. VOS, Geerhardus. *Biblical Theology: Old and New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1985 (reprinted), Preface, p. v.